

Educação e sociedade: Perspectivas de análise na sociologia

Alberto Albuquerque Gomes¹

1. Introdução

Reflectir sobre o campo de estudos “educação e sociedade” seguramente remete nosso olhar para as transformações ocorridas na Europa a partir da segunda metade do século XVIII. Sem pretender uma periodização histórica rigorosa, tal período histórico é marcado pela passagem de um mundo cuja constituição tem como referência principal o renascimento das cidades para um mundo em processo de reorganização social, política, económica e geográfica que delineou um novo quadro social. Ainda que de maneira rápida, creio ser necessário retomar alguns aspectos dessa revolução transcorrida nos séculos XVIII e XIX quando a consolidação de um novo modo de produção definiu as bases do mundo moderno.

A denominação Mundo Moderno ou Idade Moderna refere-se a um período histórico em que o mundo ocidental passa por significativas mudanças num processo de reorganização para enfrentar as dificuldades engendradas pelo fim do sistema feudal.

Dentre as mudanças mais significativas operadas na Era Moderna, podemos observar o surgimento dos Estados Nacionais Modernos, a gradativa consolidação da autoridade real sobre os poderes fragmentados e localistas (poder absolutista), o controle do Estado sobre as actividades económicas, ampliando as relações comerciais para enriquecimento das nações, a expansão de fronteiras além-mar com objectivo de encontrar soluções comerciais para a retracção económica vivida pela Europa a partir da crise feudal, uma nova visão de mundo, rompendo com o teocentrismo medieval e valorizando a figura humana (antropocentrismo) e o uso da razão (racionalismo).

Segundo (Ianni, 1989),

Essa é uma época em que já se revelam mais abertamente as forças sociais, as configurações de vida, as originalidades e os impasses da sociedade civil, urbano-industrial, burguesa ou capitalista. Os personagens mais característicos estão ganhando seus perfis e movimentos: grupos, classes, movimentos sociais e partidos políticos; burgueses, operários, camponeses, intelectuais, artistas e políticos; mercado, mercadoria, capital, tecnologia, força de trabalho, lucro, acumulação de capital e mais-valia; sociedade, Estado e nação; divisão internacional do trabalho e colonialismo; revolução e contra-revolução.

Um dos seus principais símbolos, o capital, parece estabelecer os limites e as sombras que demarcam as relações e as distâncias entre o presente e o passado, a superstição e a ilustração, o trabalho e a preguiça, a nação e a província, a tradição e a modernidade. Em suas conotações sociais, políticas e culturais, além das económicas, o capital parece exercer uma espécie de missão civilizatória, em cada país e continente, no mundo. (p. 8)

O palco mais importante de todo esse processo é a cidade onde os homens estabelecem novos laços. As cidades podem ser percebidas como o espaço de concentração de poder. Ao contrário do período feudal, no qual o poder estava diluído entre os senhores feudais, a cidade concentra o poder e controla os fluxos económicos, sociais, culturais e políticos tornando-se centro de acumulação de riqueza e conhecimento.

¹ Professor Assistente Doutor – Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista – Presidente Prudente – São Paulo – Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES em Estágio de Pós-Doutoramento junto à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.. Pesquisador da Unidade de Investigação e desenvolvimento, Observatório de Políticas de Educação e de Contextos Educativos da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. alberto@prudente.unesp.br

Segundo Octávio (Ianni, 1989), a cidade foi o principal acontecimento do mundo moderno, uma vez que esta se tornou o palco no qual o capital – e sua força civilizatória – veio actuar e os novos sujeitos sociais passaram a desempenhar seus papéis.

2. A sociologia e a cidade

A sociologia pode ser considerada como uma ciência jovem que se constitui tendo como princípio elementar o estudo da sociedade entendida como um conjunto de indivíduos reunidos em grupos de diversas dimensões e de significados distintos, onde as relações se dão de forma interdependente.

As primeiras abordagens sociológicas são fortemente marcadas por uma “sociologia da ordem”, onde o que conta é mais uma ideologia conservadora em busca da ordem nos novos ambientes urbanos.

A sociologia organiza-se como campo científico exactamente para compreender esse processo modernizador; em outras palavras: a sociologia não existiria sem o mundo moderno e o mundo moderno não poderia ser compreendido sem a sociologia (Ianni, 1989).

A sociologia, portanto, e os sociólogos, por decorrência, podem ser considerados como testemunhas oculares de um processo multifacetado de transformações do mundo ocidental. A sociologia, pois, deve seu desenvolvimento a um conjunto de condições intelectuais, sociais e institucionais que ainda devem ser elucidadas. (Cuin, 1994).

Não se trata aqui de elucidar esse conjunto de condições acima mencionado, mas sim compreender em que circunstância a sociologia pode contribuir para o entendimento do tema educação e sociedade.

Apoiando-me em (Ianni, 1989), creio que a sociologia pode contribuir para o desvendamento desse processo, pois,

a sociologia nasce e desenvolve-se com o Mundo Moderno. Reflecte as suas principais épocas e transformações. Em certos casos, parece apenas a sua crónica, mas em outros desvenda alguns dos seus dilemas fundamentais. Volta-se principalmente sobre o presente, procurando reminiscências do passado, anunciando ilusões do futuro. Os impasses e as perspectivas desse Mundo tanto percorrem a Sociologia como ela percorre o mundo. Se nos debruçamos sobre os temas clássicos da Sociologia, bem como sobre as suas contribuições teóricas, logo nos deparamos com as mais diversas expressões desse Mundo. Sob diversos aspectos, ela nasce e desenvolve-se com ele. Mais do que isso, o Mundo Moderno depende da Sociologia para ser explicado, para compreender-se. Talvez se possa dizer que sem ela esse Mundo seria mais confuso, incógnito. (p. 8)

3. As hipóteses explicativas

Assim, ao longo do século XIX, podemos identificar a constituição de três diferentes princípios teórico-metodológicos que buscavam compreender e explicar o mundo moderno: o princípio de causalção funcional, o princípio da conexão de sentido e o princípio da contradição. De acordo com (Ianni, 1989),

(...) é possível que as várias tendências, escolas, teorias e interpretações se reduzam, em essência, a três polarizações fundamentais. Uma e outras têm como base, em última instância, um dos três princípios explicativos: causalção funcional, conexão de sentido e contradição. Esses são os princípios explicativos principais, nos quais se sintetizam os fundamentos das mais diversas tendências, teorias, escolas ou interpretações. O princípio da causalção funcional está presente em Spencer, Comte, Durkheim, Parsons, Merton, Touraine e outros.

O da conexão de sentido inspira Dilthey, Rickert, Weber, Toennies, Nisbet e outros. E o da contradição fundamenta as contribuições de Marx, Engels, Lenin, Trotsky, Rosa Luxemburgo, Lukacs, Gramsci, Goldmann e outros. (p. 10)

Apesar de serem abordagens distintas, olhares diferentes sobre o mesmo objecto, podemos identificar uma característica comum entre as três: o enfoque macros sociológicos do objecto na tentativa de compreender sua génese e desenvolvimento.

Ainda que de forma bastante sucinta, temos aqui o quadro teórico das Ciências Sociais, que avança pelo século XIX e primeira metade do século XX, que nos permite sugerir a existência de dois grandes paradigmas: o paradigma do consenso e o paradigma do conflito.

De certo modo, podemos dizer que um certo número de investigações sociais agrupa-se à volta do problema das mudanças sociais, distinguindo-se em escolas sociológicas que expõem pontos de vista opostos: de um lado a corrente sociológica funcionalista, para a qual a mudança social como ruptura não existe e de outro, a corrente sociológica do conflito, segundo a qual sem conflito social não há mudança, e se não há mudança social não há história.

Considerando o quadro acima e o fato de que a Segunda Grande Guerra marcou o processo de reorganização do modo de produção capitalista, principalmente através do rearranjo dos padrões de acumulação do capital, com uma nova divisão internacional do trabalho, inserindo num novo patamar países como o Brasil, podemos deduzir que esta transformação do panorama mundial, sem dúvida obrigou os cientistas sociais reorientarem seus olhares e consequentemente reelaborarem as abordagens teórico-metodológicas de seu objecto de estudo.

Diante disso, assistimos a dois fenómenos distintos e interessantes: 1º. Um certo cepticismo em relação às abordagens clássicas, principalmente no fim dos anos 60; 2º. o direccionamento dos trabalhos de investigação para o Terceiro mundo (vide a missão francesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP – 1934 e a presença norte-americana na Escola Livre de Sociologia e Política – 1935).

Outro aspecto a ser destacado é que até então, apesar de Emile Durkheim (“A evolução pedagógica na França” e “Educação e Sociologia”), Karl Marx (“Manifesto do Partido Comunista”, “O Capital” e “Crítica ao Programa de Gotha”) e Max WEBER (“Economia e Sociedade”) terem abordado a temática educacional em seus escritos, a educação não obtinha destaque na produção sociológica global.

Somente com a expansão de oportunidades educacionais no período pós-guerra – consequência da redemocratização e reorganização geopolítica do mundo – é que os cientistas sociais passaram a dedicar suas investigações ao fenómeno educacional.

A partir de então, podemos identificar entre as décadas de 40 e 80, a coexistência de três grandes abordagens teórico-metodológicas do fenómeno educacional: o paradigma do consenso; o paradigma do conflito; e a Nova Sociologia da Educação (NSE), esta fortemente localizada no Reino Unido, mas com desdobramentos da França e nos Estados Unidos.

Passemos então a uma rápida caracterização de cada uma dessas abordagens:

Paradigma do consenso

Fortemente influenciado pela obra do sociólogo francês Emile Durkheim, privilegia o enfoque do objecto de estudo em busca de suas leis gerais de organização e funcionamento pretendendo estabelecer os pontos de consenso no interior do sistema social. Tal abordagem privilegia o olhar macro sociológico valorizando os grandes inquéritos nos moldes de obras como “O suicídio” de Emile Durkheim;

Paradigma do conflito

Fortemente influenciado pela obra de Friedrich Engels e Karl Marx, enfoca o objecto de estudo a partir de seus processos de organização económica, buscando compreender a génese e o desenvolvimento do modo de produção para assim explicar o processo de organização social;

Nova Sociologia da Educação (NSE)

Embora não possa ser considerada como um grande paradigma, a Nova Sociologia da Educação representa uma alternativa aos grandes paradigmas, principalmente em oposição ao paradigma do consenso. Tendo como principal fonte os estudos organizados por Michael Young (Knowledg and Control), a Nova Sociologia da Educação propõe um novo enfoque sobre o fenómeno educacional, ou seja, ao contrário de direccionar seu olhar para os grandes sistemas educacionais, propõe um olhar sobre a sala de aula, por exemplo, buscando compreender e explicar as micro-relações que se estabelecem entre os diferentes sujeitos que actuam no espaço escolar.

A NSE tem como principais fontes teóricas o interacionismo simbólico e a fenomenologia social. Obras como os estudos de Talcot Parsons (de abordagem funcionalista), Peter Berger (“A Construção Social da Realidade” e “Perspectivas sociológicas”) apresentam importante contribuição e tem forte impacto sobre essa nova abordagem. Além de refutar princípios teóricos da abordagem funcionalista, a NSE também se confronta com princípios elaborados pelos chamados “reprodutivistas” ao longo dos anos 60 e 70 – Pierre Bordieu e Jean-Claude Passeron – “A reprodução”; Bowles e Gintis, Roger Establet e Cristian Baudelot, etc.

Podemos identificar como principais desdobramentos da NSE, os estudos sobre currículos, representações de professores, interacção pedagógica. Nos estudos sobre currículo, observamos uma preocupação em compreendê-lo do ponto de vista de sua construção social abandonando a ênfase nos aspectos técnicos valorizando os aspectos inerentes ao seu significado social e às implicações dessa construção nos fenómenos do fracasso escolar.

Quanto aos estudos sobre representações de professores, nota-se a preocupação com a construção da identidade social e profissional dos professores como elemento fundante das relações sociais no interior da escola. Isto é, o processo de construção da identidade profissional do professor está fortemente marcado pelas relações que este estabelece com a escola durante seu processo de formação – momento no qual define, ainda que precariamente, suas concepções sobre escola, relação professor-aluno, educação e projecto político-pedagógico – e com a escola durante sua actuação profissional – momento no qual constrói um conjunto de representações sobre ser professor, ser aluno e processo educacional em geral.

E finalmente, os estudos sobre interacção pedagógica, que constroem - com a licença dos geógrafos – uma geografia escolar – onde os papéis sociais são identificados e o olhar recai sobre como os diferentes sujeitos sociais que actuam no espaço escolar – alunos, professores, funcionários, direcção, etc. – se relacionam e constroem esse espaço.

Como podemos notar, o enfoque macro sociológico passa a conviver com uma abordagem micro sociológica que busca olhar o objecto de forma amidiada, ou seja, para além do olhar sobre os grandes sistemas, privilegia o olhar sobre os pequenos espaços pedagógicos.

4. O campo sociológico da educação

Como já nos referimos anteriormente, houve um grande desenvolvimento do campo sociológico da educação após a Segunda Grande Guerra.

Segundo (Nogueira, 1995), a partir de meados dos anos 70, assistimos uma reviravolta nas orientações metodológicas da sociologia e quanto ao objecto de conhecimento. A pressão demográfica e o prolongamento da escolaridade obrigatória provocaram transformações quantitativas no aparelho escolar que levaram ao desenvolvimento de uma rede de colecta e análise de dados referentes não só aos aspectos internos do sistema educacional, mas também à sua relação com o sistema produtivo. (Forquin, 1995)

Assim, as abordagens globalizantes que viam a escola como instrumento de desenvolvimento económico e social (Teoria do capital humano) ou como instituição reprodutora das desigualdades sociais cederam espaço àquelas abordagens incidentes sobre as “relações micro sociológicas” no interior da escola. Os estudos sociológicos passam então a enfatizar os determinantes estruturais deslocados para as práticas quotidianas, interacções entre

os atores sociais, estratégias individuais, etc., com a finalidade de fazer emergir dimensões antes ocultadas pelas pesquisas em escala macros sociológicas.

Assim, destacam-se os estudos que se debruçam sobre pequenas unidades de análise (o currículo, a sala de aula, o estabelecimento escolar, as estratégias familiares em matéria de escolarização/escolaridade), ainda que não se tenha abandonado estudos de carácter mais globalizante, com ênfase nas relações estruturais.

Confirmando tais afirmações, (Forquin, 1995), aponta que no início dos anos 60 verifica-se uma grande preocupação em estudar a desigualdade de acesso à educação escolar segundo os grupos sociais, seus mecanismos geradores e seus efeitos sobre os processos de estratificação social (p. 21).

Tais investigações vieram abalar a crença liberal segundo a qual a expansão dos sistemas de ensino, a facilitação (legal ou material) do acesso aos estudos, a difusão das crenças e expectativas “meritocráticas” eram em si mesmos factores suficientes de “democratização”. (Forquin, 1995).

Em outras palavras, as novas preocupações dos pesquisadores da sociologia da educação passam a demonstrar que a expansão da escola de massas verificada após a Segunda Grande Guerra, não representou a democratização do ensino. A constatação desse problema “macros sociológico”, indubitavelmente remete os “olhares sociológicos” para a investigação dos sistemas de ensino sob outros aspectos e para a análise das pequenas unidades indicadas por (Nogueira, 1995).

O clássico estudo de (Bordieu, 1982), segundo os quais, as desigualdades sociais e de sucesso escolar devem ser atribuídas às diferenças culturais entre os grupos, é um bom exemplo dessas novas abordagens. Diante desse “olhar” para o sistema e para os mecanismos de distribuição desigual do “capital cultural” e da disparidade do “ethos de classe” que não parecem ser suficientes para explicar as desigualdades na escola, os investigadores são levados a colocar a ênfase sobre o que se passa na “caixa preta” escolar, isto é, dar a conhecer os mecanismos propriamente escolares pelos quais se efectua a reprodução social através da perpetuação da “cultura dominante”. (Forquin, 1995)

Evidentemente que há, de início uma certa dificuldade em viabilizar teórica e metodologicamente uma “micro sociologia da educação”, haja vista que são muitos os componentes que envolvem a questão, além da definição pouco clara de um estatuto epistemológico e social.

Quais seriam então, os elementos responsáveis pelas desigualdades escolares: as estruturas escolares, os conteúdos, métodos de ensino e procedimentos de avaliação? Ou o problema do fracasso e da selecção escolares seria resultante de um factor estrutural, ou seja, só é possível compreender o fracasso e a selecção como um processo social? Ou ainda, será que a ilusão de que haja uma cultura comum como denominador cultural e conseqüentemente a construção de currículos escolares com base nessa premissa não é o principal determinante dos processos selectivos escolares?

Essas questões oriundas de pressupostos teórico-metodológicos distintos ensejam novas abordagens da sociologia da educação.

5. Uma nova abordagem do tema educação e sociedade

Diante do exposto, o que podemos observar é que alguns dos novos estudos sociológicos da educação podem ser agrupados precariamente da seguinte forma, tendo como base os objectos de estudo e as formas de abordagem:

a). Sociologia interaccionista que segundo Forquin rompe com o paradigma do consenso;(...) enquanto a sociologia funcionalista concebe, essencialmente, a sociedade como um produto social e a educação como um processo de socialização, através da interiorização das normas, modelos, valores culturais que garantem a integração, coesão, perpetuação do conjunto, a sociologia interaccionista, por sua vez, concebe a sociedade como uma cena (ou uma arena), o indivíduo como um actor social em comunicação com outros atores e a educação como o desempenho de diferentes papéis sociais sem restrições e amplamente improvisado. (Forquin, 1995)

b).etnometodologia onde o problema sociológico é menos o de saber como alguém se torna “desviante” ou “delinquente” do que o de saber como alguém vem a ser rotulado ou “estigmatizado” como tal por outrem, a partir de quais pressupostos e em troca de qual trabalho simbólico podem se construir e se traduzir em comportamentos reais os rótulos sociais (...)

(Idem: 151). Trata-se portanto, de observar os processos sociais desenrolados no interior da sala de aula e suas relações com o entorno social da escola. Isso de certa forma, favorece uma síntese teórico-metodológica a partir de referências teóricas e epistemológicas tão distintas como psicologia social, antropologia cultural, sociologia das organizações e sociologia do quotidiano.

c) Teoria do currículo que tem como principais investigadores Basil Bernstein e Michael Young que se preocupavam primordialmente com as formas de hierarquização e distribuição dos saberes escolares. Young mostra seu interesse, em particular, pela hierarquização dos saberes escolares: em nossa sociedade, os mais prestigiosos e mais “rentáveis”, do ponto de vista social, são geralmente os mais abstractos e desligados da vida quotidiana e revelam o privilégio da cultura escrita e alfabética em relação às formas orais de troca e comunicação. (idem: 154)

d) Análise das representações dos professores sobre o saber, o ensinar e definição da identidade profissional. Trata-se de revelar as formas de representações sociais dos professores sobre ensinar e aprender, sobre ser professor, sobre os discursos pedagógicos, etc. Algumas dessas pesquisas buscam analisar a constituição e caracterização dos professores, motivação da escolha profissional e as práticas docentes.

e) Carreiras escolares e desigualdades sociais com fortes influências das teses de Bordieu e Passeron. Segundo (Forquin, 1995) grande parte das publicações e trabalhos publicados ao longo da década de 1990, apresentam como causa das desiguais trajetórias escolares a relação entre factores institucionais (escolares) e factores sociais (origem social).

6. Conclusão

Ao nos propormos analisar as perspectivas de análise da relação entre educação e sociedade na sociologia não tínhamos a pretensão de esgotar a temática, pois além de ser um campo de estudo com dificuldades de ser delimitado, a intenção inicial era reflectir sobre o processo evolutivo das investigações nesse campo de estudo.

Esperamos ter demonstrado a importância das investigações mais recentes no “desvendamento” dos fenómenos sociológicos da escola antes obscurecidos pelas abordagens macros sociológicas.

O que podemos deduzir desta breve revisão teórica é que os estudos com ênfase na **sociologia interaccionista, teoria do currículo, representações dos professores, carreiras escolares e desigualdades sociais** tendo como “locus” a sala de aula e as instituições escolares ajudam-nos a compreender os mecanismos selectivos e discriminadores da educação escolarizada.

Não se trata aqui de afirmar que doravante, será necessário praticar uma sociologia da educação com enfoque micros sociológico em detrimento de outras abordagens, mas sim demonstrar que a abordagem micros sociológica mostra como os fatos educacionais “objectivos” emergem das actividades estruturantes que, em seguida, são ocultadas por um processo de reificação. Permite desvendar as disposições através das quais a sociedade oculta suas actividades de organização a seus membros e leva-os, assim, a apreender suas características como objectos bem definidos e independentes. (Forquin, 1995)

Referências bibliográficas

- BORDIEU, P., PASSERON, J.C. (1982). *A Reprodução - Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- CUIN, C. H., GRESLE, F. (1994). *História da Sociologia*. São Paulo: Ensaio.
- FORQUIN, J. C. (1995). *Sociologia da educação: dez anos de pesquisa*. Petrópolis: Vozes.
- IANNI, O. (1989). A sociologia e o mundo moderno. *Tempo Social - Revista de Sociologia*. USP, 7-27.
- NOGUEIRA, M. A. (1995). Apresentação. In J. C. Forquin (Ed.), *Sociologia da educação: dez anos de pesquisa*. Petrópolis: Vozes.